

DA PERIFERIA AO CENTRO: PEDAÇOS & TRAJETOS

José Guilherme Cantor Magnani
Universidade de São Paulo – Depto. de Antropologia

RESUMO: Baseado em trabalhos já desenvolvidos sobre locais de encontro e formas de sociabilidade na cidade de São Paulo, o artigo apresenta as categorias pedaço, mancha, trajeto e pórtico. Essas categorias permitem explorar as relações entre a prática coletiva e o espaço onde ela ocorre. O objetivo do artigo é explicitar essas categorias e discutir "seu processo de construção, alcance de aplicação e capacidade de sugerir recortes significativos na cambiante realidade urbana".

PALAVRAS-CHAVE: categorias urbanas-"pedaço"-público e privado-códigos comuns-vínculos sociais.

Uma das dificuldades que o antropólogo às voltas com questões urbanas enfrenta diz respeito à própria relação do seu objeto de estudo com o espaço da cidade: este é apenas o local da pesquisa ou, ao contrário, deve ser encarado como uma variável que a análise não pode deixar de incorporar?

Quando se trata de algum estudo para o qual a dimensão propriamente espacial é relevante, então a dificuldade assume uma forma bastante concreta: a de estabelecer recortes, fronteiras, e definir as unidades de análise. E, como tais recortes e unidades não são dados de antemão, é preciso construí-los destacando-os do fundo muitas vezes impreciso e contínuo da paisagem urbana tal como é vista pelo senso comum.

As discontinuidades significativas nessa paisagem não são, entretanto, o resultado direto e imediato de fatores naturais como a topografia, ou de intervenções como as divisões político-administrativas, o zoneamento, o traçado de ruas e outras normas: tais discontinuidades são produzidas por diferentes modalidades de uso e apropriação do espaço que é preciso, justamente, identificar e analisar. Para tanto é preciso dispor de categorias que permitam explorar as relações entre determinada prática coletiva e seus padrões de implantação espacial.

Este artigo apresenta algumas categorias – *pedaço, mancha, trajeto, pórtico* – ensaiadas ao longo de vários trabalhos¹ sobre práticas de lazer, locais de encontro e formas de sociabilidade no contexto urbano, com o propósito de discutir seu processo de construção, alcance de aplicação e capacidade de sugerir recortes significativos na cambiante realidade urbana.

O pedaço, no bairro

Esta noção surgiu no contexto de uma pesquisa sobre formas de cultura popular e modalidades de lazer que ocupam o tempo livre dos trabalhadores, nos bairros da periferia da cidade de São Paulo.² Em vez de pensá-las simplesmente como um mecanismo de reprodução da força de trabalho, o que se pretendia era, através da abordagem antropológica, detectar seu significado a partir do discurso e da prática concreta dos personagens diretamente envolvidos nessa rede de lazer.

Inicialmente tratava-se de demonstrar que, ao contrário de uma afirmação bastante em voga, os fins de semana dos trabalhadores não eram utilizados (exclusivamente) para complementar, através de "bicos", os magros orçamentos domésticos, nem eram gastos diante dos intermináveis e "alienantes" programas populares na TV. Um contato mais estreito com os moradores de determinado bairro começou a revelar a existência de múltiplas formas de diversão, entretenimento e encontro através das quais se desfrutava o tempo livre: festas de casamento, almoços de batizado, comemorações de aniversários, bailes, torneios e festivais de futebol de várzea, festas de candomblé e umbanda, quermesses, circos, excursões etc.

Por outro lado, essas modalidades de lazer tampouco constituíam um todo indiferenciado, disponível e desfrutável por todos, de forma aleatória: havia uma ordem. Era possível distinguir, por exemplo, formas de entretenimento características de homens, por oposição às de mulheres; de crianças versus de adultos; de rapazes e moças, e assim por diante. Outra classificação ordenava as formas de lazer segundo o local do desfrute, através dos eixos "em casa" e "fora de casa". "Fora de casa", por sua vez, subdividia-se em "no pedaço" e "fora do pedaço".

Este último, *pedaço*, aparecia em outras situações, denotando lealdades, códigos compartilhados, pertencimentos; a recorrência de seu uso apontava para uma riqueza de significados que valia a pena investigar. Era, sem dúvida, uma "categoria nativa" que não podia deixar de ser incorporada, após, evidentemente, algum trabalho dedicado a determinar seu campo de aplicação e remontá-la, em outro nível.

E assim ocorreu. Uma primeira análise mostrou que a categoria *pedaço* era formada por dois elementos básicos: um de ordem espacial, físico, sobre o qual

se estendia uma determinada rede de relações. O primeiro configurava um território claramente demarcado: o telefone público, a padaria, este ou aquele bar, o terminal da linha de ônibus, talvez um templo ou terreiro, e outros pontos mais delineavam seu entorno.

As características desses equipamentos definidores de fronteiras mostravam que o território assim delimitado constituía um lugar de passagem e encontro. Entretanto, não bastava passar por esse lugar ou mesmo frequentá-lo com alguma regularidade para "ser do pedaço"; era preciso estar situado numa peculiar rede de relações que combina laços de parentesco, vizinhança, procedência, vínculos definidos por participação em atividades comunitárias e desportivas etc. Assim, era o segundo elemento – a rede de relações – que instaurava um código capaz de separar, ordenar, classificar: era, em última análise, por referência a esse código que se podia dizer quem era e quem não era "do pedaço", e em que grau – "colega", "chegado", "xará" etc.

O termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. (Magnani, 1984: 138).

É aí que se tece a trama do cotidiano: a vida do dia-a-dia, a prática da devoção, o desfrute do lazer, a troca de informações e pequenos serviços, os inevitáveis conflitos, a participação em atividades vicinais. Para uma população sujeita às oscilações do mercado de trabalho, à precariedade dos equipamentos urbanos e a um cotidiano que não se caracteriza, precisamente, pela vigência dos direitos de cidadania, pertencer a um *pedaço* significa dispor de uma referência concreta, visível e estável – daí a importância do caráter territorial na definição da categoria. Pertencer ao *pedaço* significa também poder ser reconhecido em qualquer circunstância, o que implica o cumprimento de determinadas regras de lealdade que até mesmo os "bandidos" da vila, de alguma forma, acatam.

Pessoas de *pedaços* diferentes, ou alguém em trânsito por um *pedaço* que não o seu, são muito cautelosas: o conflito, a hostilidade estão sempre latentes, pois todo lugar fora do *pedaço* é aquela parte desconhecida do mapa e, portanto, do perigo (Magnani, 1984: 139)

Resumindo, nem a universalidade abstrata do mundo legal, nem o particularismo das obrigações e deveres ditados por laços de parentesco:

Para além da soleira da casa, portanto, não surge repentinamente o resto do mundo. Entre uma e outra situa-se um espaço de mediação cujos símbolos, normas e vivências permitem reconhecer as pessoas diferenciando-as, o que termina por atribuir-lhes uma identidade que pouco tem a ver com a produzida pela interpelação da sociedade mais ampla e suas instituições (Magnani, 1984: 140).

Até aqui, o contexto do bairro, *locus* da pesquisa sobre formas de cultura popular e modalidades de lazer na periferia de São Paulo. A pergunta que se seguia era: e o que acontece em outros pontos do território urbano? *Pedaço* serviria para designar outros estilos de apropriação do espaço e sociabilidade em regiões centrais da cidade? Numa palavra: existem *pedaços* no centro?

Pedaços e manchas, no centro

No artigo "Os pedaços do centro"³ há uma primeira tentativa de aplicar a categoria *pedaço* para além dos limites dos bairros da periferia: tratava-se de analisar formas de uso do espaço e contatos interpessoais em determinadas regiões centrais da cidade, deterioradas e densamente povoadas. Também aqui de certa forma está-se diante de uma população dependente da rede formada por parentes, vizinhos, colegas, conterrâneos. A diferença, contudo, fica por conta do aperto: a moradia é constituída por cortiços e pensões com elevados índices de ocupação.

(...) também aí existem determinadas normas que regulam a convivência, a ocupação do espaço, o uso de equipamentos comuns. A contigüidade espacial, sem dúvida, torna essas relações mais tensas e a situação de conflito mais presente, e isso se deve ao fato de não haver coincidência entre o aspecto simbólico do *pedaço* – os sinais de reconhecimento mútuo, os significados que se compartilham – e o componente espacial (Magnani, 1984: 128).

Este descompasso entre os níveis constitutivos do *pedaço* podia ser observado também em algumas formas de ocupação "negociadas" do espaço, como a de freqüentadores de um mesmo local (bar, padaria) que se protegem do indesejado contato com outros grupos pelo estabelecimento e tácita aceitação de horários diferenciados de utilização. E, se o encontro é inevitável, o mútuo desconhecimento estabelece a necessária distância e invisibilidade social, principalmente quando o mundo (e os sinais externos) dos respectivos grupos são absolutamente antagônicos. É o que ocorre, por exemplo, quando membros de "respeitáveis" famílias, necessitados de uma inesperada compra na farmácia ou bar da esquina, no final do dia, cruzam com personagens da noite para quem a labuta apenas começa...

Tanto no caso do espaço de moradia em áreas de cortiços, como no de locais de encontro e lazer em determinadas regiões centrais da cidade, o que está em questão é o uso ou apropriação de um mesmo território, equipamento, ponto, por vários grupos. Produz-se um descolamento entre o componente simbólico da categoria e sua base física, obrigando gente de diferentes origens, estilos de vida etc. a compartilhar, mesmo a contragosto, o mesmo espaço.

Esta primeira incursão ao centro mostrou que a categoria *pedaço* encontrava, aí, ressonâncias. Ficava claro também que sua aplicação fora do bairro, espaço onde fora inicialmente detectado, merecia uma observação mais sistemática.

Assim, se o uso da categoria *pedaço* no item anterior deste texto ainda fazia referência à moradia e vizinhança, na pesquisa que se seguiu, especificamente sobre formas de lazer em determinadas regiões centrais,⁴ tal conotação desaparece: as unidades de análise eram, agora, definidas em função exclusivamente de práticas de lazer e encontro. O que se queria saber é se por ocasião dessas práticas, num território heterogêneo e acessível a todos como é o centro da cidade, estabelecem-se vínculos, sinais de reconhecimento e delimitação de espaço – de forma que aí também seja possível definir quem é e quem não é "do pedaço".⁵

Neste novo contexto é possível distinguir duas formas de relação entre os componentes básicos da categoria, o componente simbólico e o espacial – com sensíveis diferenças nos estilos de apropriação e uso do espaço em uma e outra.

Num primeiro caso, o componente determinante que dá o tom é o simbólico. Os códigos são de tal maneira explicitados que não há lugar para dúvidas: é o que acontece em determinados espaços *gay* – bares e locais de encontro, espetáculos e dança de "entendidos" e "entendidas"; bares, lojas de discos e cabeleireiros *black*; pontos de encontro e *zoada* de *punks*, *góticos*, *funções*, *carecas* etc.; bares *happy-hour* de *yuppies*; o *café dos artistas* nas imediações do Ponto Chic no largo do Paissandu, ponto de encontro de artistas circenses às segundas-feiras, e assim por diante. Como exemplo, um trecho do relatório da pesquisa:

(...) a caminhada mesmo começa na rua 24 de Maio. Chama a atenção a calma reinante nessa rua, em contraste com a costumeira agitação de um dia útil; é até possível perceber um grupo de *punks* e mais adiante outro, de *funções*, estes últimos possivelmente dirigindo-se à loja Piter, bem a seu gosto, com grifes acessíveis ao orçamento de office-boys. Nessa rua, porém, destaca-se uma das tantas galerias da região: Centro Comercial Presidente, ocupada por lojas de discos *funk*, *disco* e outros ritmos dançantes (Disco Mania Blacks, Truck's Discos) além de outros serviços, como cabeleireiros *black* (Gê Curl Wave, Almir Black Power, Gueto Black Power), que reforçam a particular "gramática" de sua ocupação característica: é um *pedaço* negro que aglutina rapazes e moças em torno de algumas marcas de negritude – determinada estética, música, ritmo, frequência a shows e danceterias (Chic Show, Zimbabwe, Skina Club etc.) ("Os pedaços da cidade", p. 52).

A diferença com a idéia do *pedaço* tradicional é que aqui os frequentadores não necessariamente se conhecem – ao menos não por intermédio de vínculos construídos no dia-a-dia do bairro –, mas sim se *reconhecem* enquanto portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo, modos de vida semelhantes. Está-se entre iguais, nesses lugares: o território é claramente delimitado por marcas exclusivas. O componente espacial do *pedaço*, ainda que inserido num equipamento de amplo acesso, não comporta am-

bigüidades porque está impregnado pelo aspecto simbólico que lhe empresta a forma de apropriação característica. O desavisado que por alguma razão entrasse num desses locais poderia até não concordar com a noção, mas com certeza sentiria, na pele, o que significa "não ser do pedaço".

O segundo caso é quando o fator determinante da apropriação é exercido pelo componente espacial: trata-se de lugares que funcionam como ponto de referência para um número mais diversificado de freqüentadores. Sua base é mais ampla, permitindo a circulação de gente oriunda de várias procedências. Estamos agora falando de *manchas* – neste caso, de lazer – como a do Bexiga, as da rua Augusta, a da região do Bar Avenida em Pinheiros, a dos Jardins, entre tantas outras.

De acordo com a definição do Igepac (Inventário Geral do Patrimônio Ambiental, Cultural e Urbano de São Paulo, 1987), *manchas* "são áreas identificadas por seu caráter próprio, cujo inter-relacionamento determina a identidade da área como um todo". Aqui, emprego o termo *mancha* de forma mais precisa para designar uma área contígua do espaço urbano dotada de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante. Um trecho descrevendo a caminhada pelo Bexiga pode dar uma idéia:

(...) E já que o objeto de observação é basicamente o cenário, começa a delinear-se uma ligação poderosa entre o Bexiga do lazer em toda sua variedade e o Bexiga-bairro: é este que fornece ao primeiro o espaço físico – o traçado das ruas, a contigüidade dos estabelecimentos, a escala das edificações, as próprias edificações – transformado em casas noturnas. É esse particular desenho e arranjo que explica o reforço, mais que a competição, entre as casas, por obra do efeito *espelhamento*: os estabelecimentos dialogam, conversam, opõem-se, complementam-se – uns ao lado dos outros e frente a frente. Existe um estímulo para passar de lá para cá, subir e descer, parar e espiar – antes de decidir-se por este ou aquele bar, boteco ou casa de *show*.

A tradição italiana garante o apelo para a gastronomia característica da cantina, enquanto a presença negra é associada à MPB; não se pode esquecer de que dos cortiços da região saem pizzaiolos, chapeiros, garçons, porteiros, ajudantes, seguranças – o sotaque é do Nordeste. Os botecos dão apoio (o sanduíche e a bebida mais em conta, o cigarro) antes ou depois do programa principal, assim como uma passadinha na livraria cai bem, sem dúvida.

Vai se configurando uma espécie de núcleo, um espaço que se pode percorrer a pé, em vários sentidos, e não apenas para se chegar a este ou aquele ponto. Passeia-se, mesmo quando se está dirigindo a um lugar em especial; não custa dar uma olhadinha pelas muitas janelas ou portas, para sentir o movimento ("Os pedaços da cidade", pp. 58-9).

Assim, numa *mancha* caracterizada pelo lazer como a do Bexiga, descrita mais acima, os equipamentos podem ser bares, restaurantes, cinemas, teatros etc. que se complementam ou competem entre si, mas que no conjunto concorrem para o mesmo efeito.

Faculdades/ livrarias/ bibliotecas/ papelarias/ xerox/ cafés são, entre outros, equipamentos que delimitam uma área na cidade marcada pela atividade de ensino; *hospitais/ consultórios particulares/ centros de fisioterapia/ farmácias/ raio X/ lojas de material cirúrgico* etc. constituem uma mancha ligada à saúde, e assim por diante. Como se verá, uma *mancha* é recortada por *trajetos* e pode abrigar vários *pedaços*.

As marcas dessas duas formas de apropriação e uso do espaço – *pedaço* e *mancha* – na paisagem mais ampla da cidade são diferentes. No primeiro caso, onde o determinante é o componente simbólico, o espaço enquanto ponto de referência é restrito, interessando mais a seus *habitués*. Com facilidade muda-se de ponto, quando então "leva-se junto o pedaço". A *mancha*, ao contrário – sempre aglutinada em torno de um ou mais estabelecimentos –, apresenta uma implantação mais estável, tanto na paisagem como no imaginário. As atividades que oferece e as práticas que propicia são o resultado de uma multiplicidade de relações entre seus equipamentos, edificações e vias de acesso – o que garante uma maior continuidade, transformando-a, assim, em ponto de referência físico, visível e público para um número mais amplo de usuários.⁶

A cidade, contudo, não é um aglomerado de pontos, pedaços ou manchas excludentes: as pessoas circulam entre eles, fazem suas escolhas entre as várias alternativas – este *ou* aquele, este *e* aquele *e* depois aquele outro – de acordo com determinada lógica; mesmo quando se dirigem a seu *pedaço* favorito, no interior de determinada *mancha*, seguem caminhos que não são aleatórios. Estamos falando de *trajetos*.

Os trajetos

O termo surgiu da necessidade de categorizar uma forma de uso do espaço que se diferencia, em primeiro lugar, daquele descrito pela categoria *pedaço*. Enquanto esta última, como foi visto, remete a um território que funciona como ponto de referência – e, no caso da vida no bairro, evoca a permanência de laços de família, de vizinhança, origem e outros –, *trajeto* aplica-se a fluxos no espaço mais abrangente da cidade e no interior das *manchas* urbanas.

Não que não se possa reconhecer sua ocorrência no bairro, mas é justamente para pensar a abertura do particularismo do *pedaço* que essa categoria foi elaborada. É a extensão e principalmente a diversidade do espaço urbano para além do bairro que colocam a necessidade de deslocamentos por regiões distantes e não contíguas: esta é uma primeira aplicação da categoria. Na paisagem mais ampla e diversificada da cidade, *trajetos* ligam pontos e manchas, complementares ou alternativos: *casa/ trabalho/ casa; casa/ cinema/ restaurante/ bar; casa/ posto*

de saúde/ hospital/ terreiro de umbanda – eis alguns exemplos, dos mais corriqueiros, de *trajetos* possíveis.

Outra aplicação é no interior das *manchas*. Tendo em vista que a mancha supõe uma presença mais concentrada de equipamentos, cada qual concorrendo, à sua maneira, para a atividade que lhe dá a marca característica, os *trajetos*, nelas, são de curta extensão, na escala do andar: representam escolhas ou recortes no interior daquela mancha, entendida como uma área contígua.

(...) "Na rua Augusta eu gosto muito do Viena, né? (...) Cinemas também. É um ponto muito bom pra cinema. No Conjunto Nacional, no Belas Artes. A Cultura também. Existem programações legais lá. Secretaria da Cultura, né? De sábado e domingo tem filmes e é grátis. Às vezes, quando eu venho aqui, eu vou de vez em quando no cinema. É grátis mesmo. (...) Freqüento pizzaria, né, o Zi Teresa. É muito boa. Aqui na Consolação, depois do banco. É que eu saio com o pessoal do banco, né, e a gente se reúne nesses lugares. E o que eu gosto mais aqui é o Baguette." (Trecho de entrevista com Edilene, 27 anos, bancária, moradora no Campo Limpo.)

(...) "Esse Baguette aqui do lado tem horas que ele se descaracteriza pelo próprio Nostro Mundo, pelo preço da bebida lá. Lá é muito caro, na boate. Então o pessoal vem beber aqui e no Chamego." (Trecho de entrevista com Paulo, 37 anos, perito judicial, morador do Jardim Paulista.)

Sanduicheria Baguette/ Cineclube/ Café do Bexiga/ Livraria Arte Pau Brasil, nessa ordem; ou *Livraria Belas Artes/ Cine Belas Artes/ Bar e Restaurante Riviera* – são exemplos de *trajetos* já "clássicos", um no interior da *mancha* do Bexiga, e outro na *mancha* da esquina da Consolação com Paulista, como resultado de escolhas concretas frente a alternativas oferecidas pelas respectivas *manchas*.

A construção dos *trajetos* não é aleatória nem ilimitada em suas possibilidades de combinação. Estamos diante de uma lógica ditada por sistemas de compatibilidades. No exemplo: *Livraria Belas Artes/ Cine Belas Artes/ Bar e Restaurante Riviera* – que mostra uma combinação não apenas possível, mas bastante freqüente –, não entra na seqüência (nem como alternativa) o bar Metrópolis, apesar de estar situado na mesma *mancha*. Outra é a gramática que permite compreender o significado desse bar e do *trajeto* em que se inscreve: com características de bar *yuppie*, apresenta um tipo de paquera com abordagens explícitas que o distancia do bar Riviera, por exemplo. E no caso daquele outro trajeto, recortado no Bexiga, não entra, por certo, o teatro de sexo explícito Márcia Ferro, logo ali e ao mesmo tempo tão distante, ao menos do ponto de vista de determinado padrão de lazer.

Na combinatória citada mais acima – *casa/ posto de saúde/ hospital/ terreiro de umbanda* –, *trajeto* pontuado por equipamentos de saúde, é fácil perceber a presença de determinados princípios mágico-religiosos na base do seu sistema de

compatibilidades. Uma outra forma possível de combinar os mesmos elementos, por exemplo quando se recorre *primeiro* ao pai-de-santo, e depois aos agentes de saúde da medicina oficial, certamente implicará mudanças no trajeto que passa, então, a expressar outros arranjos no sistema simbólico que define o que é doença e cura.

Assim, a idéia de *trajeto* permite pensar tanto uma possibilidade de escolhas no interior das *manchas* como a abertura dessas *manchas* e *pedaços* em direção a outros pontos de espaço urbano e, por conseqüência, a outras lógicas. Sem essa abertura corre-se o risco de cair numa perspectiva reificadora, restrita e demasiadamente "comunitária" da idéia de *pedaço* — com seus códigos de reconhecimento, laços de reciprocidade, relações face a face.

Foi afirmado que o *pedaço* é aquele espaço intermediário, entre a casa (o privado) e o público ou, para utilizar um sistema de oposições já consagrado (Da Matta, 1979), entre *casa* e *rua*. Não é, contudo, um espaço fechado e impermeável a uma e outra. Ao contrário, é a noção de *trajeto* que abre o *pedaço* para fora, para o espaço e âmbito do público.

Finalmente, os trajetos levam de um ponto a outro através dos *pórticos*. Trata-se de espaços, marcos e vazios na paisagem urbana que configuram passagens. Lugares que já não pertencem ao *pedaço* ou *mancha* de lá, mas ainda não se situam nos de cá; escapam aos sistemas de classificação de um e outra e como tal apresentam a "maldição dos vazios fronteiriços".⁸

Um dos pórticos para o Bexiga é constituído pelas duas quadras da rua Martinho Prado, que passa por cima da avenida Nove de Julho: de um lado, uma sinagoga, de outro, o conhecido bar e restaurante "Ferro's Bar", ponto de encontro e freqüência de homossexuais femininas, as "entendidas". E mais nada; passa-se por aí rapidamente, seja em direção à rua Augusta ou ao Bexiga ("Os pedaços da cidade", p. 55).

Terra de ninguém, lugar do perigo, preferido por figuras *liminares* e para a realização de rituais mágicos — muitas vezes lugares sombrios que é preciso cruzar rapidamente, sem olhar para os lados...

Conclusão

Este artigo teve como origem a pergunta: existem *pedaços* no centro?

Para começar a responder, a primeira providência foi, a partir dos textos onde a categoria apareceu — "Festa no pedaço" e "Os pedaços do centro" —, fazer uma recapitulação e voltar a perguntar: mas, o que é mesmo *pedaço*? Reduzido a seus componentes básicos — um de ordem espacial e outro, simbólica —, ficou a

idéia de um ponto concreto de referência em torno do qual se estabeleciam vínculos com base em redes já existentes – como a do parentesco, vizinhança, procedência etc. – e que se expressavam através de códigos comuns de reconhecimento.

Intermediário entre a rua e a casa, o público e o privado – o *pedaço* não constitui um espaço do qual se faça parte "naturalmente", por direito de nascimento ou outorga da esfera legal: resultado de longo e complexo jogo de trocas, supõe um alto grau de investimento pessoal. Para "ser do pedaço" é preciso mostrar presença, provar lealdade, exhibir manejo do código comum. E, em troca: a segurança do já conhecido, a certeza de pertencer a uma rede e de poder invocá-la a qualquer momento.

Não por acaso a primeira referência a essa categoria surgiu no contexto do bairro, e bairro de periferia. Aí, mais que em qualquer outro espaço, é absolutamente crucial pertencer a alguma rede capaz de oferecer contrapontos à instabilidade do mercado de trabalho, à precariedade dos equipamentos e serviços, à insegurança do dia-a-dia. Não se trata, contudo, de variante de alguma "estratégia de sobrevivência" – não se pertence ao *pedaço* para suprir aquelas carências. Note-se que a categoria surgiu no contexto do bairro e do desfrute do lazer.

Lazer, devoção, práticas desportivas e associativas, troca de pequenos serviços, favores e informações – e também maledicências, disputas –, é no horizonte da vida do dia-a-dia que o *pedaço* se inscreve, possibilitando o ingresso e participação naquelas práticas de forma coletiva e ritualizada.

Muito bem, e no resto da cidade? Que acontece em outros espaços mais impessoais, percorridos por desconhecidos e regidos por outras lógicas? Não é difícil perceber a existência de *pedaços*, em regiões centrais da cidade, quando se trata de espaços marcados pela moradia: apesar do maior aperto, da densidade de ocupação, é a mesma lógica. Só que neste caso já começa a delinear-se uma diferença com relação às formas anteriormente descritas de apropriação do espaço. Exatamente pelo fato de a base territorial do *pedaço* ser, aqui, mais restrita, e, por conseguinte, ser objeto de uma mais cuidadosa negociação, é que se nota um descompasso entre o componente espacial e o simbólico: como aquele é freqüentado por vários grupos, os códigos de reconhecimentos não podem dar lugar a dúvidas.

Gangues, bandos, turmas, grupos exibem – nas roupas, nas falas, na postura corporal, na música – o *pedaço* a que pertencem. Neste caso já não se trata de espaço marcado pela moradia, pela vizinhança, mas o "efeito pedaço" continua: o que se busca é um ponto de aglutinação para a construção e fortalecimento de laços. Quando jovens negros saem de suas casas e dirigem-se ao espaço demarcado pelos cabeleireiros e casas de disco *black*, do Centro Comercial Presidente, na rua 24 de Maio, não o fazem, necessariamente, para dar um trato no visual ou comprar discos: vão até lá para encontrar seus iguais, exercitar-se no uso dos códigos

comuns, apreciar os símbolos escolhidos para marcar as diferenças. É bom estar lá, rola um papo legal, fica-se sabendo das coisas... e é assim que a rede vai sendo tecida.

M. L., 32 anos, bancária e economista, moradora da zona norte mas frequentadora do "Restaurante Baguette Grelhados e Massas" na *mancha* da rua da Consolação com avenida Paulista, reforça essa versão de *pedaço*:

O que faz parte da minha vida, pra mim, o que é legal, não é eu variar, sabe?... Pra mim o que me dá prazer é estar aqui, comendo sanduíche, conversando com quem eu conheço... Eu busco estar perto das pessoas que me agradam, que são muito poucas, entendeu?... Se acontecer alguma coisa aqui, alguém me conhece. Aqui eu me sinto protegida... Se o Baguette mudar de dono e mudar a frequência, eu não venho mais aqui. A hora que eu começar a ver que não tem mais nada a ver, eu não venho...

M. L. não integra nenhuma gangue ou turma organizada mas, sem estardalhaço, fez desse restaurante o espaço onde cultiva seus vínculos, sente-se bem e protegida: ele é o *seu pedaço*. Como se vê, há, sim, *pedaços* – à sua maneira – no centro. Mas há também algumas diferenças que é preciso creditar à própria dinâmica do espaço nas regiões centrais da cidade.

Aqui, o particularismo da noção de *pedaço* cede lugar para cruzamentos não totalmente previstos, para encontros (dentro de certos limites) inesperados, para combinatórias mais variadas. Surge, então, a categoria *trajeto* para dar conta de uma outra maneira de apropriar-se do espaço urbano em sua complexidade e tirar partido de sua diversidade. *Trajeto* une pontos complementares, alternativos ou antagônicos na paisagem urbana como resultado da aplicação de uma lógica de compatibilidades. Como foi dito no corpo deste trabalho, *casa/ posto de saúde/ terreiro de umbanda* é resultado de uma escolha, assim como *casa/ cinema/ restaurante/ danceteria*. E por que não: *casa/ museu/ café* ou *pizzaria/ gafieira/ boteco*?

Trajeto – resultado de escolhas que remetem a sistemas de regras e compatibilidades – aponta para lógicas mais abrangentes, abre as fronteiras do *pedaço*, possibilita usufruir da cidade como um todo. Só que a cidade normalmente não se apresenta, para uso e desfrute, como totalidade indiferenciada ou então repartida em unidades discretas: ela o faz, entre outras, na forma de áreas contíguas com equipamentos que se complementam ou competem para oferecer determinado tipo de serviços, ou permitir o exercício de tais ou quais práticas. São as *manchas*. É o lado estável e visualizável da cidade, com ênfase no território, no ordenamento espacial. No seu interior, os *trajetos* são mais curtos, estão na escala do andar.

Manchas, recortadas por *trajetos*, divididas por *pórticos* e pontuadas por *pedaços*: tais foram as principais categorias aqui elaboradas para demarcar as unidades do espaço urbano que permitem o desfrute do lazer, os momentos de en-

contro, a construção e o reforço dos vínculos de sociabilidade. Quem sabe não seriam tão "boas para pensar" outras práticas que a cidade, em sua diversidade, abriga e oferece?

NOTAS

(1) "Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade" (1984); "Os pedaços do centro" (1986); "Os pedaços da cidade" (1991).

(2) Cf. "Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade", 1984.

(3) In "Espaço e Debates", ano VI, 1986, nº 17.

(4) Cf. "Os pedaços da cidade", relatório final de pesquisa, CNPq, 1991. Esta pesquisa – realizada entre 1989 e 1990 na cidade de São Paulo – contou com o apoio do CNPq e com a participação de integrantes do Núcleo de Antropologia Urbana (NAU/Depto. Antropologia, USP) tanto na fase de coleta de dados como nas discussões que se seguiam às idas a campo. Em diferentes momentos e com graus de envolvimento também diferentes, dela participaram: Heitor Frúgoli, Vagner Gonçalves da Silva, Rita de Cássia Amaral, Lilian de Lucca Torres, Heloísa Buarque de Almeida, Luiz Henrique Toledo, Liliana Souza e Silva, Daisy Perelmutter, Yara Schereiber, Letícia Vidor, Yara Cunha Oliva, Alexandre Leone, Wilson Rizzo, Domingos Leôncio da Silva, Elena Grosbaum, Daniel Annenberg, André Luiz de Alcântara, James de Abreu.

(5) "Centro da cidade", aqui, não se refere àquelas regiões mais acima descritas como "deterioradas e densamente povoadas". Trata-se de espaço servido por diversos equipamentos e serviços (no caso, de lazer e entretenimento) e que se contrapõe, de forma geral, às áreas predominantemente residenciais. Foram escolhidos – e percorridos, numa primeira caminhada de reconhecimento –, dez roteiros nas seguintes áreas da cidade: região central propriamente dita, Bexiga, rua Augusta, av. Paulista, Jardins, av. Henrique Schaumann, av. Ibirapuera, Parque Ibirapuera, praças Vilaboim, Buenos Aires e "Pôr-do-Sol". Dessas foram escolhidas, a seguir, duas – Bexiga e adjacências da esquina da av. Paulista com rua da Consolação – para a segunda etapa da pesquisa.

(6) Note-se a centralidade e o papel aglutinador de determinados equipamentos "âncora" na constituição das respectivas *manchas* na cidade de São Paulo: o Mercado da Cantareira, na zona cearense; os estabelecimentos da PUC, no bairro de Perdizes; o Hospital das Clínicas; o Hospital São Paulo e Escola Paulista de Medicina, na Vila Mariana, para citar apenas alguns exemplos.

(7) Os trechos de entrevistas citados neste item, assim como o da Conclusão, foram colhidos por Lilian de Lucca Torres para a pesquisa "Os pedaços da cidade" em 15/02/91.

(8) Cf. Santos, C. N. dos, 1985, p. 103.

BIBLIOGRAFIA

CARDOSO, R. (org.) *A aventura antropológica*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

DA MATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

Departamento do Patrimônio Histórico, Secretaria Municipal de Cultura – Inventário Geral do Patrimônio Ambiental e Cultural: Liberdade. Caderno nº 2, São Paulo, 1987.

SANTOS, C. N. dos. (coord.) *Quando a rua vira casa*. Rio de Janeiro, Ibam/Finep, Projeto, 1985.

HANNERZ, U. *Exploración de la Ciudad: Hacia una Antropología Urbana*. México, Fondo de Cultura Económica, 1986.

MAGNANI, J. G. Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

_____. "Os pedaços do centro". *Revista Espaço & Debates*, São Paulo, ano VI, n. 17, 1986.

_____. "Os pedaços da cidade". Relatório de Pesquisa, CNPq, 1991.

ABSTRACT: The article is based on research on sociability forms and meeting sites in the city of São Paulo. It proposes analytical-emic categories as neighbourhood areas, trajectory, etc. as mean for understanding the relations between social habits and the urban spaces where they take place. The purpose of the article is to present those categories and discuss their process of construction, their effectiveness and their possibilities of use as analytical tools.

KEY-WORDS: categories-neighbourhood areas-public-private-common codes-social bonds-urban anthropology.

Recebido para publicação em 10 de maio de 1992.